



Jabulani Sambo - foto: Asiyé eTafuleni

Muitos comerciantes, uma só voz. Reflexões de líderes da MATO, África do Sul.

Impacto: *Através de suas experiências de organização nos mercados de Durban, lideranças do movimento em expansão de vendedores ambulantes ganharam mais confiança para confrontar as autoridades municipais e maior clareza sobre o papel que suas organizações desempenham na criação de cidades inclusivas.*

“As coisas estão melhores agora para os vendedores ambulantes em Warwick Junction. Podemos vender abertamente, temos licenças que nos permitem negociar. Temos liberdade para formar organizações que são capazes de lidar coletivamente com as questões que nos afetam.”

Jabulani Sambo.

Warwick Junction é uma área comercial efervescente, um local onde vendedores ambulantes ganham seu sustento vendendo todos os tipos de alimentos e mercadorias. Mas nem sempre foi assim. Jabulani Sambo lembra-se de quando a vida para os trabalhadores informais era muito dura por lá. “Antes de 1989, nenhum dos comerciantes era autorizado a vender nas ruas de Durban. Aqueles que comerciavam o faziam ilegalmente e eram sempre intimidados pela polícia do *apartheid*”.

Agora que o comércio ambulante é autorizado na cidade, segundo Jabulani, a confiança tem crescido entre as pessoas deste setor e os vendedores podem obter renda, alimentar suas famílias, levar suas crianças à escola e ter condições de construir suas casas.

Tais mudanças dramáticas devem-se em grande parte às organizações que permitiram aos trabalhadores falarem com uma voz comum. Uma delas é a Associação Masibambisane de Comerciantes (Masibambisane Traders Association – MATO), uma jovem organização de vendedores ambulantes, em crescimento, conduzida por Sambo. A MATO está em operação há menos de três anos, mas possui hoje cerca de 2.500 membros registrados.

Themba Ncane é presidente da MATO e conselheiro da Regional 28 do município de eThekweni, eleito pelo partido governante, o Congresso Nacional Africano (African National Congress – ANC). Themba concorda que houve muitas mudanças positivas, inclusive o crescente reconhecimento do setor, e mais atores têm dado atenção aos problemas enfrentados pelos comerciantes. Todavia, ainda há muitas batalhas a serem combatidas – batalhas que requerem uma organização forte e coesa entre os comerciantes. Os maus tratos da polícia são ainda uma realidade e os comerciantes perdem renda quando seus produtos são confiscados. A relação com as autoridades municipais também é difícil.

“Gastamos muito tempo brigando com as autoridades municipais”, diz Themba, acrescentando que a abordagem

autoritária, ‘de cima para baixo’, do município, impacta negativamente o ambiente de trabalho.

Em suas lutas constantes, a MATO e outras organizações de trabalhadores têm recebido forte apoio da Asiyé eTafuleni, uma organização sem fins lucrativos de Warwick que fornece especialização técnica para auxiliar comerciantes a adquirirem habilidades e conhecimento a respeito dos processos de desenvolvimento urbano. A organização serve como um polo de aprendizagem para os interessados em planejamento urbano e economia informal.

“A Asiyé eTafuleni tem estado ao nosso lado o tempo todo, dando-nos conselhos, treinamentos e workshops”, afirma Themba, ressaltando que os líderes têm agora a capacidade de lidar com questões e administrá-las.

Atualmente, Themba gostaria de ver o treinamento ser estendido e espera que, num futuro próximo, as autoridades municipais possam ser treinadas em como consultar as comunidades e trabalhar com elas, chegando assim a um melhor entendimento a respeito das vidas e desafios dos comerciantes informais.

Voz ampliada

Com o auxílio da Asiyé eTafuleni, os membros da MATO dispuseram-se a se comunicar efetivamente tanto com as autoridades quanto com a mídia internacional e local, a fim de ganhar atenção. Isso ajudou os vendedores ambulantes a alcançar grandes progressos.

“Com a MATO, temos contestado a prefeitura a respeito de uma série de questões”, afirma Jabulani. “Por exemplo, há três anos atrás, a prefeitura queria aumentar as taxas de licenciamento sem nos consultar apropriadamente. Fomos capazes de barrar esse aumento, demonstrando nossa resistência através de marchas e piquetes”.

Mas as ações não pararam por aí. Themba lembra que a MATO usou as habilidades que adquirira para escrever um memorando ao Ministro do Desenvolvimento Econômico da província, externando sua frustração com relação à conduta das autoridades locais ao lidarem com a questão. Isso culminou no esboço de uma política provincial de comércio de rua.



Xolile Mhlongo e Themba Ncane - fotos: Asiye eTafuleni

A MATO obteve sua primeira grande conquista ao protestar contra os planos de demolição dos mercados informais que vinham trabalhando na área há mais de 100 anos e contra a construção de um centro comercial no lugar dos mercados. Os comerciantes desafiaram a prefeitura através de uma série de manifestações. “Este caso uniu os comerciantes na medida em que lutavam contra os planos da prefeitura”, diz Themba a respeito do que se chamou de processo judicial do Mercado da Madrugada (Early Morning Market – EMM). “Nós aumentamos o número de associados durante este período”.

Foi uma reviravolta para os vendedores ambulantes de Warwick. “Antes, a prefeitura podia fazer o que quisesse sem ser desafiada. Mas desde o processo judicial do Mercado da Madrugada tem havido algum grau de consulta. Fomos consultados quando a província KwaZulu-Natal (KZN ou simplesmente Natal) estava formulando a política provincial de comércio de rua – ainda que eles não tenham adotado nossas ideias e sugestões”.

Xolile Mhlongo, uma comerciante informal do mercado de carnes de cabeças de boi e membro da MATO, observa: “A vitória no caso do Mercado da Madrugada foi uma vitória dos comerciantes informais. Ela nos deu a confiança de que somos capazes de ter voz, e que ela pode ser ouvida”.

Ela prossegue, falando sobre a importância de se trabalhar em equipe: “Acho que, como comerciantes informais, nós desenvolvemos tolerância uns para com os outros. Somos capazes de discutir questões que nos afetam como pessoas que trabalham no mesmo ambiente”.

Themba acredita que o próximo passo deva ser a formação de um órgão nacional que represente os vendedores ambulantes – preferencialmente aliado a um sindicato nacional.

Ganhando validade

Organizações de vendedores ambulantes estão fazendo a diferença não apenas no setor, mas na comunidade, de forma geral. A prevenção ao crime, por exemplo, tornou-se parte de

sua agenda porque Warwick Junction era uma zona com altos índices de criminalidade. Os comerciantes tomaram para si a tarefa de abordar a questão ao formarem uma organização chamada “Comerciantes Contra o Crime” (Traders Against Crime – TAC). Jabulani coordena esta organização formada por voluntários, que hoje possui mais de 70 membros. Seus esforços tem sido bem-sucedidos na contenção do crime na área. Um Fórum de Policiamento Comunitário também foi estabelecido para trabalhar em estreita colaboração com a polícia.

“Hoje, Warwick Junction é mais segura do que os centros comerciais mais populares da cidade”, observa Themba.

Mas a MATO, que possui representantes em outras áreas da prefeitura de eThekweni, também está combatendo crimes de outro tipo. Segundo Jabulani, a Unidade de Apoio ao Comércio da Cidade (City’s Business Support Unit) possui autoridades corruptas, que não servem aos interesses dos comerciantes informais. “Elas estão mais interessadas em captar receitas para o departamento do que em satisfazer as necessidades dos pobres.” Os comerciantes têm trabalhado para expor parte da corrupção, colhendo testemunhos de comerciantes e reportando a corrupção ao representante judicial da prefeitura. “Nós acreditamos que, uma vez que as investigações sejam realizadas, várias autoridades serão expostas”.

Ainda há muito trabalho pela frente. “Como trabalhadores informais, ainda precisamos negociar e participar integralmente em prol do desenvolvimento inclusivo, a fim de que nossos locais de trabalho possam se desenvolver para se ajustar ao trabalho que fazemos”, diz Xolile. Ela também gostaria que os comerciantes se organizassem em cooperativas, para que pudessem trabalhar juntos na operação de seus negócios, aumentando, assim, sua presença como contribuintes na economia e dando-lhes mais poder para comprar no atacado.

“Somos capazes agora de enxergar nosso trabalho como uma profissão e encontrar formas de nos desenvolver dentro do setor. O comércio ambulante não é mais algo de que as pessoas sentem vergonha”, diz Xolile, que foi entrevistada no rádio como mulher que trabalha no setor: “Para mim, foi um grande reconhecimento, ser capaz de compartilhar sua história no rádio é um marco para as mulheres no setor informal”.

História preparada por:

Leslie Vryenhoek, WIEGO. Baseada em entrevistas submetidas pela Asiye eTafuleni. Agosto de 2011.